



Educação e Trabalho nas Reservas Extrativistas: Histórias de Vida dos formandos do Curso Técnico em Florestas

Education and Work: Life histories of graduates of Forestry Technical Course

CAVALCANTE, Adriana Kettylem¹; DIAS, Joana de Oliveira²; ARAÚJO, João Maciel³; SALOMÃO, Ana Cláudia⁴; SANTOS, Rosana Cavalcante⁵; SIVIERO, Amauri⁶

¹ IFAC, adri.kavalcante@gmail.com

² IFAC, joana.dias@ifac.edu.br

³ IFAM, joaomaci@hotmail.com

⁴ IFAC, anafsalomao@gmail.com

⁵ IFAC, rosana.santos@ifac.edu.br

⁶ Embrapa, amauri.siviero@embrapa.br

Eixo temático: Terra, território, ancestralidade e justiça ambientais

Resumo: Este artigo retrata as experiências e histórias de vida de jovens extrativistas, formandos do curso técnico em florestas do Centro de Educação Profissional e Tecnológica Roberval Cardoso, e foi desenvolvido no Curso de Pós-graduação em Agricultura Familiar do Instituto Federal do Acre. O objetivo é dar subsídio a uma reflexão sobre a relação entre educação e trabalho nas Reservas Extrativistas. O contexto político brasileiro atual e os debates em torno da redução e desafetação de unidades de conservação demonstram o quanto a educação nas RESEX deve ser constantemente construída em diálogo com as diferentes realidades. A metodologia da pesquisa consistiu em entrevistas cuja análise está referenciada no campo da História Oral nos trabalhos de Alessandro Portelli. A discussão foi construída através de sessões que refletissem os diferentes momentos da vida dos entrevistados: as experiências anteriores ao curso, a vivência como estudante e as perspectivas de futuro após o curso. A intelectualidade da floresta, em suas formas de produção e sistematização e repasse de conhecimentos, deve ser visibilizada e valorizada.

Palavras-Chave: Educação do campo, Agricultura familiar, Juventude, Campesinato florestal, Amazônia.

Keywords: Field Education, Family Agriculture, Youth, Forest peasantry, Amazon.

Introdução

Este trabalho de pesquisa retrata as experiências e histórias de vida de jovens extrativistas, formandos do curso técnico em florestas do Centro de Educação Profissional e Tecnológica Roberval Cardoso, e foi desenvolvido no Curso de Pós-graduação em Agricultura Familiar do Instituto Federal do Acre. O objetivo deste trabalho é dar subsídio à reflexão sobre a relação entre educação e trabalho nas Reservas Extrativistas.

Os jovens estudantes entrevistados são oriundos das cinco Reservas Extrativistas (RESEX) do Acre, a RESEX Chico Mendes que abrange os municípios de Xapuri, Assis Brasil, Brasília, Capixaba, Epitaciolândia, Rio Branco e Sena Madureira, a RESEX Cazumbá-Iracema localizada em Sena Madureira e Manoel Urbano, a



RESEX Riozinho da Liberdade nos municípios de Cruzeiro do Sul, Marechal Thaumaturgo, Porto Walter e Tarauacá, a RESEX Alto Juruá em Marechal Thaumaturgo e a RESEX Alto Tarauacá no municípios de Jordão, Marechal Thaumaturgo e Tarauacá.

A constituição histórica da educação do campo teve o seu vínculo de origem com as lutas por educação nas áreas de Reforma Agrária, não apenas como crítica de denúncia, mas como crítica projetiva de transformações (CALDART, 2010). Nazaré Wanderley (1996) elucida o quanto o campesinato no Brasil é, antes de tudo, uma história de resistência. A base de sustentação da educação do campo é que o campo deve ser compreendido muito além da produção agrícola, mas como espaço de vida, de produção de história, de relações sociais, cultura, conhecimento e de luta de resistência dos sujeitos que ali vivem (MOLINA, 2017). Visto que os objetivos das RESEX compreendem proteção aos meios de vida e cultura das populações tradicionais, é preciso levar em conta que diversos saberes são contextualizados na vivência e não aprendidos na escola (NETO *et al*, 2018).

Araújo (2018) em seus estudos sobre os processos políticos vividos no presente pelos seringueiros no Acre, aborda a realidade e os dilemas enfrentados para a permanência na terra.

A introdução das Reservas Extrativistas como instrumentos de garantia de permanência na terra e, por conseguinte, garantia de direitos e da construção da Cidadania entre os camponeses, foi o maior feito da ação política de enfrentamento às forças que oprimem o campesinato brasileiro e limitam a Cidadania. É necessário, porém, ter clareza que este processo não está encerrado. Atualmente os seringueiros estão passando por adaptações, mudanças em decorrências de uma série de medidas impostas pela legislação ambiental por um lado, e da política econômica por outro (ARAÚJO, 2018).

O contexto político brasileiro atual e os debates em torno da redução e desafetação de unidades de conservação demonstram o quanto esse processo está ainda em desenvolvimento. Assim, a educação nas RESEX também deve ser constantemente construída em diálogo com as diferentes realidades.

A recomendação do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) é a criação de um Programa de Educação Específico para as Unidades e Conservação de Uso Sustentável, voltado para esta realidade. O documento construído pelo CNS juntamente com uma equipe do MEC, com o título “Proposta de uma nova política de educação na floresta”, sugere que a educação profissional nas RESEX seja ajustada às demandas e associadas à formação técnica da profissão extrativista e de gestores das unidades de conservação de uso sustentável (BRASIL, 2010). A Resolução 243/2008, que estabelece as diretrizes, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo no Estado do Acre, em seu Art 11 § 1º propõe a garantia dos direitos humanos com destaque para as questões de gênero, raça, cor



e religião (ACRE, 2009). Porém, cabe refletir o quanto essas orientações estão de fato presentes nos cursos da educação do campo.

Metodologia

A escolha da abordagem metodológica da pesquisa tinha foco nas experiências e vivências dos sujeitos da pesquisa, marcados no tempo e no espaço a partir de suas memórias. Portanto, foram realizadas entrevistas cuja análise está referenciada no campo da História Oral, inspirada nos trabalhos de Portelli (1996, 1997, 2001, 2010). Nessa perspectiva, a oralidade e seus procedimentos característicos são tidos como um processo de criação de narrativas, nas quais podem ser observados tanto os símbolos utilizados quanto os procedimentos narrativos em si. Trata-se de uma construção no presente de uma memória do passado, que independem da apresentação de fatos, dados, causas e consequências que pudessem servir como “maquiagem da verdade” (LOBREGAT, 2013). Portelli sobre a história oral, diz que:

[...] os textos – tanto os relatos orais como os diálogos de uma entrevista – são expressões altamente subjetivas e pessoais, como manifestações de estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas (motivo, fórmula, gênero, estilo). Por isso é possível, através dos textos, trabalhar com a fusão do individual e do social, com expressões subjetivas e práxis objetivas articuladas de maneira diferente e que possuem mobilidade em toda narração ou entrevista (PORTELLI, 2010).

O contexto de realização das entrevistas deve ser também considerado: as vésperas da formatura, durante os dias presenciais de apresentação dos trabalhos de estágio supervisionado dos educandos, que consistia no último encontro ou “momento de aprendizagem”, uma vez que o curso segue a pedagogia da alternância. As entrevistas foram individuais, previamente agendadas, com a participação de 22 formandos, com registro fotográfico e de áudio, posteriormente transcrito de forma livre, em termos de linguagem, pela pesquisadora. O roteiro com perguntas de estímulo foi elaborado com a intenção de iniciar uma conversa e o entrevistado falar do que viesse a memória, livre para contar o que quisesse, porém nas primeiras entrevistas, devido a inexperiência com esse tipo de abordagem, a entrevistadora usou o questionário criteriosamente, e as falas dos sujeitos foram direcionadas para o assunto questionado, porém ao decorrer das conversas, essa abordagem foi aperfeiçoada, e as conversas espontâneas.

A metodologia utilizada no estudo também compreendeu a análise de documentos cedidos pelo Instituto Dom Moacyr Grechi.

Resultados e discussão

A discussão foi construída através de sessões que refletissem os diferentes momentos da vida dos entrevistados: as experiências anteriores ao curso, a



vivência como educando da Escola da Floresta e as perspectivas de futuro após o curso.

A dicotomia entre o campo como lugar de atraso e cidade como lugar de modernidade marca as narrativas de muitos dos jovens, ao retratar as dificuldades de acesso à educação formal. Padrões de sucesso e fracasso, considerando o tempo maior para conclusão dos estudos no campo e a comparação com o rendimento escolar na cidade acusam o peso dessa realidade na definição dos caminhos de atuação profissional e dos modos de vida desses formandos.

Também é notável a importância das relações estabelecidas no decorrer do curso, nas convivências com os demais educandos, mediadores e funcionários da escola, criando-se os vínculos de amizade.

Por outro lado, nota-se uma lacuna no diálogo entre a realidade vivida pelos educandos e a construção do plano de curso, este mais vinculado às políticas de desenvolvimento a partir do manejo florestal sustentável e à interlocução com agências de desenvolvimento e fomento internacionais. O estreitamento de determinadas relações políticas para participação em projetos condiciona a realização das expectativas e perspectivas profissionais de muitos formandos.

Conclusões

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma reflexão sobre contexto atual da Educação do Campo em Reservas Extrativistas. Pode-se concluir que apesar dos anos de luta por direitos, ainda existe a necessidade de avanços. E apesar de ter muito a ser feito, as narrativas dos estudantes revelam as possibilidades de um projeto de sociedade alternativo ao do agronegócio. Nestas narrativas está, de certa forma, renovada a expressão da resistência das gerações anteriores e caminhos são apresentados. A intelectualidade do campesinato florestal, em suas formas de produção e sistematização e repasse de conhecimentos, deve ser visibilizada e valorizada.

Referências bibliográficas

ACRE, Conselho Estadual de Educação Resolução CEE/AC Nº 243/2008 Estabelece as diretrizes, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo no Estado do Acre, ampliando e incorporando, no que couber, a Resolução CEE/AC nº 30/2005. **Diário oficial do Acre**, Acre, AC, 24 ago. 2009. p. 08-11. Disponível em: <http://www.diario.ac.gov.br/> Acesso em: 29/06/2019.

ARAUJO, J. M. Projeto de sociedade e projeto de poder: apontamentos sobre os processos políticos vividos pelos seringueiros do Acre no limiar do século XXI. In **42º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. 2018.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



BRASIL. Proposta de uma nova política de educação na floresta. Proposta construída a partir de cooperação entre o Conselho Nacional das Populações Extrativistas e a Secretaria de Assuntos Estratégicos. Brasília, 2010. 19 p.

CALDART, R. S. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. Educação do Campo: Semiárido, Agroecologia, Trabalho e Projeto Político Pedagógico. **Coleção Cadernos Temáticos**. Santa Maria da Boa Vista/PE Setembro, 2010.

INSTITUTO DOM MOACYR GRECHI. Plano de Curso Técnico em Florestas Subsequente. 2017

LOBREGAT, Maria Cristina, 1969 - “Pedra que canta”, lembranças que latejam: vozes de deslocados de Itaipu para a Amazônia acreana / Maria Cristina Lobregat -- Rio Branco :UFAC, 2013. 128f.: il.; 30 cm.

MOLINA, M. C. et al. Práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais das Ciências Agrárias: reflexões sobre o Programa Residência Agrária: volume II. Brasília: **Editora Universidade de Brasília**, 2017. 476 p.; 23 cm.

PORTELLI, A. Ensaios de história oral. Trad. Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como Gênero. Projeto História, São Paulo, n. 22, p. 9- 36, jun., 2001.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho - Algumas reflexões sobre ética na história oral e depoimentos. **Revista Projeto História** nº15 - Ética e História Oral 15 abril 1997.

PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais Tempo: vol. 1, nº. 2. Rio de Janeiro, 1996, p. 59-72.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: Anais do XX Encontro Anual da ANPOCS – GT 17 Processos Sociais Agrários. Caxambu (MG): ANPOCS, 1996.